



## A IDADE DO SERROTE, DE MURILO MENDES, UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA



Leila Rose Márie Batista da Silveira MACIEL\*

### RESUMO

O presente artigo pretende demonstrar, com base na teoria de Philippe Lejeune (2008) e em estudos de Rocha (1977), que **A idade do serrote** é um texto autobiográfico. Essa narrativa, em prosa, trata da vida de um poeta, remete a uma pessoa real, sendo o narrador do texto=personagem principal o qual vai narrar os fatos vividos por ele. Mas essa obra possui uma particularidade, embora seja uma narrativa em prosa, trata-se de um texto poético.

Palavras-chave: Autobiografia. Murilo Mendes. Identidade.

### INTRODUÇÃO

Na obra **A idade do serrote**, Murilo Mendes (2003) mostra a trajetória de sua vida até a fase adulta, deixando transparecer o quão forte a poesia está dentro dele. Nela são registrados diferentes momentos de sua vida: infância, adolescência e vida adulta. Os relacionamentos amorosos do autor são mostrados de forma poética, com bastante sensualidade e encantamento. Lucas (2001, p. 68), em seus estudos sobre a obra muriliana, esclarece que há uma forte ligação entre a vida do poeta e sua obra, a saber, a vida influencia o trabalho poético: “[...] o drama pessoal se mescla aos conceitos gerais. Daí ser possível extrair, dos trechos da prosa, a essência do seu pensamento e de sua poética”.

Neste estudo, pretende-se analisar, com base na teoria de Philippe Lejeune (2008) e em estudos de Rocha (1977), que **A idade do serrote** é um texto autobiográfico. Já no prefácio, percebe-se uma relação da obra com a vida de Murilo

---

\* Doutora em Letras - Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG), campus Juiz de Fora.

por meio da seguinte afirmação de Marília Rothier Cardoso (2003, p. 7): “Na escrita de suas memórias, o poeta Murilo Mendes define-se como o menino de ‘olho precoce’”. Também Antonio Candido (2000, p. 57), em sua obra **A educação pela noite e outros ensaios**, afirma que “*A idade do serrote*, de Murilo Mendes, é autobiografia declarada, escrita em prosa”.

## **A IDADE DO SERROTE: UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

Lejeune (2008, p. 14) apresenta a seguinte definição de autobiografia: “[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. O autor envolve nesse estudo elementos que pertencem a quatro categorias diferentes:

1. Forma da linguagem:
  - a) narrativa;
  - b) em prosa.
2. Assunto tratado: vida individual, história de uma personalidade.
3. Situação do autor: identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador.
4. Posição do narrador;
  - a) identidade do narrador e do personagem principal;
  - b) perspectiva retrospectiva da narrativa (LEJEUNE, 2008, p. 14).

O autor afirma que “É uma autobiografia toda obra que preenche ao mesmo tempo as condições indicadas em cada uma dessas categorias”. O romance **A idade do serrote** é uma narrativa, em prosa, trata da vida de um poeta, remete a uma pessoa real, sendo o narrador do texto=personagem principal o qual vai narrar os fatos vividos por ele. Mas essa obra possui uma particularidade, embora seja uma narrativa em prosa, trata-se de um texto poético. Ainda vale lembrar que, quanto ao assunto tratado, o narrador omite fatos importantes de sua vida pessoal, tais como sua viagem à Europa, seu casamento com Maria Saudade Cortesão, entre outros, pois seu objetivo nessa obra é mostrar ao leitor sua trajetória poética e não sua vida individual. Portanto, não atende à expectativa do leitor, que talvez esperasse saber fatos de sua vida com os quais depois pudesse, até mesmo, traçar uma biografia do escritor.

A obra **A idade do serrote**, de acordo com estudos de Lejeune (2008), enquadra-se no caso de autobiografia clássica (autodiegética), em primeira pessoa, em que narrador=personagem principal, havendo identidade entre narrador e personagem. Mas, como se manifesta, na obra, a identidade do autor e do narrador? Para responder a esta questão, Lejeune (2008, p. 19) lança mão de estudos linguísticos de Beneviste: “[...] os pronomes pessoais (eu/tu) só possuem referência atual dentro do discurso, no próprio ato de enunciação”, assim “O ‘eu’ remete, sempre, àquele que fala e que identificamos pelo próprio fato de estar falando”. Como quem fala é Murilo Mendes, o próprio autor da obra conta a história de sua vida desde a infância até a idade adulta em primeira pessoa, pode-se confirmar que há identidade entre autor e narrador. Ainda segundo estudos de Beneviste (apud LEJEUNE, 2008, p. 19) “[...] os pronomes pessoais de primeira pessoa marcam a *identidade* do sujeito da enunciação e do sujeito do enunciado”. Não há dúvida, portanto, de que **A idade do serrote** constitui um caso de autobiografia autodiegética, pois o “eu” está presente já no primeiro capítulo da obra intitulado “Origem, memória, contato, enunciação”, marcando a identidade da personagem principal, Murilo Mendes: “Nasci oficialmente em Juiz de Fora”/ “Nasci às margens de um rio-afluente de águas pardas”/ “Eu tenho uma pena do rio Paraibuna” (MENDES, 2003, p. 26). Por se tratar de um texto impresso, sabe-se que o “eu” enunciado no discurso é Murilo Mendes porque na capa do livro e na folha de rosto consta seu nome acima do título. Conforme Lejeune (2008, p. 23, [grifo do autor]), “É nesse nome que se resume toda a existência do que chamamos *autor*: única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo o texto escrito”. Assim, no romance **A idade do serrote**, comprovadamente, há uma pessoa real, o poeta Murilo Mendes.

Quanto ao item proposto por Lejeune (2008) “perspectiva retrospectiva da narrativa”, Murilo Mendes utiliza uma estratégia reiterativa, em que o acontecimento guardado em sua memória é retomado pela segunda vez, com mais riqueza de detalhes, a fim de intensificar a experiência vivida. Como a obra pode ser dividida em duas partes, na primeira, o autor apresenta os assuntos em bloco, para, depois, fazer uma reconstrução minuciosa de cada episódio. Um exemplo que será apresentado neste estudo, no item “Releitura da obra **A idade do serrote**”, são os

capítulos “Etelvina” e “Sebastiana”, cujos nomes foram apresentados no seguinte bloco: “As babás. A noite obscura do corpo. Histórias, parlendas, orações. Etelvina. Sebastiana” (MENDES, 2003, p. 23).

Todavia, a recuperação do passado não ocorre de modo linear, levando-se em consideração o significado do vocábulo “retrospectiva”, ou seja, “exposição em que se apresentam as obras de um artista, de uma escola, de uma época, com perspectiva histórica, mostrando a respectiva evolução” (HOUAISS, 2009, p. 1661). Na obra, há um movimento de ida e volta, em que ocorre um processo de retomada de fatos que foram colocados de forma fragmentada na primeira parte e depois são retomados com aprofundamento da experiência. Esse primeiro *insight* pode ser considerado como uma parte preliminar que serve como anúncio do que virá pela frente na narrativa autobiográfica, como um convite ao leitor para prosseguir sua leitura, a fim de desvendar a trajetória da vida de Murilo Mendes, que vai descortinando fatos até mesmo de sua vida íntima em uma linguagem poética que vai seduzindo o leitor a cada capítulo.

Lejeune (2008) chama a atenção para a leitura de uma autobiografia, no sentido de saber se o livro de memórias é o primeiro livro do autor ou se há outra(s) publicação/publicações antes dele, pois, havendo algum livro antes, significa que o escritor já é conhecido, dando-lhe um signo de realidade, e, caso isso ocorra, de acordo com a teoria, trata-se do “espaço autobiográfico”. No caso da obra **A idade do serrote**, quando foi publicada, o autor já havia publicado o livro **Poemas**, que tornou o autor conhecido no âmbito nacional, momento em que Murilo Mendes foi reconhecido pelos críticos como um dos grandes poetas do Modernismo brasileiro.

O pacto autobiográfico é a afirmação da identidade do nome – o autor-narrador-personagem. A obra **A idade do serrote** é uma ficção autobiográfica “exata”, uma vez que a personagem se parece com o autor, há uma identidade afirmada; contudo, como se trata de um texto poético em prosa, o autor deixa fluir sua imaginação a partir de alegorias, figuras de linguagens, entre outros, lembrando também que, como se trata de fatos passados, as lembranças vêm à memória como *flashes*, havendo fatos reais e fictícios, perdendo-se, portanto, a confiabilidade total na história contada, mas isso é abonado pelo próprio Lejeune (2008, p. 54) do seguinte modo: “A autobiografia abre um grande espaço à fantasia e quem a

escreve não é absolutamente obrigado a ser exato quanto aos fatos, como nas Memórias, ou a dizer toda a verdade, como nas confissões”.

Murilo Mendes realiza um modelo diferente de autobiografia, visto que, em **A idade do serrote**, há um texto altamente poético apresentado em uma narrativa em prosa, podendo-se afirmar que se trata de uma prosa poética, pois a poesia é uma constante no texto. Como o autor conta a história de sua vida, ele faz uma autorreferência em sua escrita. Jean Starobinski, citado por Clara Crabbé Rocha (1977, p. 55, [tradução nossa]), esclarece que “[...] na narrativa em que o narrador toma por tema seu próprio passado, a marca individual do estilo reveste-se de uma importância particular, uma vez que à autorreferência explícita da própria narração o estilo ajunta o valor autorreferencial implícito de um modo singular de elocução”<sup>1</sup>.

De um modo geral, o autobiográfico se entrega ao texto e, como consequência, ao leitor. Segundo Rocha (1997, p. 84): “[...] um dos objetivos fundamentais da escrita autobiográfica – pelo menos na perspectiva do receptor – é a adoção pública que o escritor faz de seu “eu”. Contudo, a autora esclarece que: “pode acontecer que o autobiográfico não esteja disposto a ser totalmente sincero, a cair nas mãos do leitor, a dar-se por completo, na sua obra”. Isso ocorre na obra **A idade do serrote**. Murilo Mendes parece mostrar-se ao leitor, de acordo com a proposta ao gênero autobiográfico: ele narra fatos de sua infância, as paixões da adolescência, a história do seu desenvolvimento intelectual; enfim, o autor fala de si mesmo e de seu trabalho literário. Mas sua entrega ao texto é relativa, pois não narra fatos de sua vida particular, deixando mais em evidência as lembranças de sua trajetória poética.

## RELEITURA DA OBRA A IDADE DO SERROTE

Murilo Mendes, na obra **A idade do serrote**, busca resgatar a trajetória de sua vida por meio dos seguintes temas: as lembranças de seus tempos de criança, a saudade de sua mãe, o respeito pela segunda esposa de seu pai, sem considerá-la uma **madrasta**, o reconhecimento em relação à sua família, os hábitos e costumes dos mineiros, a religiosidade, a passagem do cometa *Halley*, a adolescência permeada de grandes paixões, entre outros. Enfim, pode-se afirmar que, na obra em estudo, o autor apresenta os ritos de passagem vivenciados pelo menino até

alcançar a idade adulta. As lembranças de sua memória, que ele passa poeticamente para o texto, registram o amadurecimento de Murilo Mendes impregnado da poesia que existia dentro dele desde os tempos de criança: “O narrador, Murilo-adulto, procura ver-se enquanto olha o menino, e nesse olhar reflexivo encontra um Outro que se constitui *na e pela escrita*” (SACRAMENTO, 1999, p. 85, [grifos da autora]).

A narrativa autobiográfica de Murilo Mendes pode ser dividida em duas partes: a primeira possui períodos nominais curtos, com poucos verbos e em blocos separados. Como exemplo, cita-se o seguinte bloco, que será retomado mais adiante, quando for feita uma referência à segunda parte da obra: “As babás. A noite obscura do corpo. Histórias, parlendas, orações. Etelvina. Sebastiana” (MENDES, 2003, p. 23). Nessa parte, o autor utiliza-se das lembranças contidas em sua memória para recuperar sua vida, tal como em um texto cinematográfico, sob forma de *flashes*. Trata-se de um processo fragmentado, pois fazem parte do processo memorialístico as imagens esparsas e os vazios – considerados meios de representação da memória. O poeta escreve fatos esparsos de sua vida recolhidos de sua memória como que escreve para não esquecer. Mas, de acordo com Oliveira (2011, p. 4):

A reconstituição de lembranças se dá sob o regime de suspeita em relação à própria memória, com desvios frequentes pelo imaginário que acaba por colocar a obra entre os domínios da ficção e da dicção. O autor trabalha com a instauração de um jogo de múltiplas tensões, poesia-prosa, fragmentação do discurso, fluxo narrativo, escrita do eu – escrita do outro, estilo particular como valor autorreferencial, registro documental da elocução alheia, memória-imaginário, visão prospectiva do passado, embaralhamento do tempo, e outras.

A memória é sempre fragmentada, podendo-se fragmentar em dois **eus**: **eu** narrativo e **eu** personagem. Em **A idade do serrote**, em “um só tempo”, percebemos dois narradores: “[...] um narrador que conta uma história vivida na infância e outro narrador-personagem que se encarna nos acontecimentos passados e os revive através da memória narrativa” (BAIÃO, 2011, p. 3). Embora sejam dois narradores, há uma convivência entre eles dentro do livro: às vezes, é um Murilo menino falando como adulto e, às vezes, é um Murilo adulto falando como criança:

Hoje é domingo. Analu traz um vestido azul com uma larga faixa branca, botinhas preto e branco com botões; cabelos cacheados, nariz arrebitado. É extremamente faceira, fértil em ademanes e gatices. [...] Já tenho ciúmes. Vou sofrendo calado, no meu terno beje comprado no Rio, e que me faz orgulhoso (MENDES, 2003, p. 38).

Nessa passagem, a criança que se encontra com Analu não é o mesmo narrador que fala as seguintes palavras: “É extremamente faceira, fértil em ademanes e gatunices”, pois agora quem fala é o Murilo adulto, que já sofre por amor, sente ciúmes. Há um deslocamento na narrativa, impossibilitando ao adulto-narrador recapturar o tempo vivido pelo menino-personagem.

No primeiro capítulo da obra, intitulado “Origem, memória, contato, iniciação”, de acordo com Sacramento (1999, p. 83), “[...] o material sumariado [...] aflui ao texto, nos demais, através de uma espécie de memória involuntária desencadeada por nomes e cantigas que povoaram infância e adolescência de Murilo”.

Nesse capítulo, o poeta apresenta ainda sua origem, sua identidade. “Nasci oficialmente em Juiz de Fora (MENDES, 2003, p. 26). E ainda: “Meus irmãos, com um charme que subsiste até hoje. Tangência e contaminação do afeto” (Ibid., p. 23) e “Meu pai, grande coração comunicante. Servidor público. Do próximo. Escrivão do registro de títulos e hipotecas da cidade de Juiz de Fora. Minha mãe, afeiçoada ao canto e ao piano, morre de parto com vinte e oito anos (Ibid., p. 25). Sobre o assunto, Schmidt (2000, p. 101-103) assim se expressa:

[...] é pelo ou no discurso, como instância de articulação entre o nível linguístico e o extralinguístico, que se opera a construção/desconstrução de identidades [...] a memória é um fator essencial do processo cognitivo, inerente à construção de identidade, o discurso é o instrumento de (auto) conhecimento, através do qual o(s) ser(es) humano(s) se faz(em) sujeito(s) no campo da produção e das relações sociais.

Importa ressaltar que não existe uma fórmula que possa dar conta do processo desencadeador das lembranças com precisão; por isso, o discurso da memória apresenta algumas problematizações, uma vez que são diferentes os caminhos para a retomada do passado, lembrando que esse processo é muito pessoal.

Na segunda parte da obra em questão, os elementos citados na primeira reaparecem, e os capítulos que correspondem ao bloco da primeira parte citado anteriormente são: “Etelvina” e “Sebastiana”, em que o poeta revive, de repente, lembranças de sua infância. Etelvina era a ama-de-leite dos meninos mais velhos,

era negra e trouxe às crianças um pouco da cultura africana, algumas palavras e as cantigas de ninar: “[...] recordo-me que mencionava geringonça ou antes giringonça, papão, cocô, mula-sem-cabeça, brabuleta [...]” (MENDES, 2003, p. 28). A cantiga *Quindum sererê*, “tristíssima”, segundo o poeta, foi assimilada por ele por toda a vida: “Fui na fonte de meu pai,/ Quindum sererê,/Fui lavar meu rosarinho, Quindum sererê” (Ibid., p. 28-29). Já Sebastiana, também ama-de-leite, contava as histórias cujas palavras mágicas encantavam a imaginação de Murilo e dos irmãos: “[...] talvez eu ainda não entendesse o que é torre, nem madrasta, nem varinha de condão, nem princesa encantada [...]” (Ibid., p. 35).

Na autobiografia apresentada, há uma certa organização cronológica, apesar das idas e vindas do autor, pois ele inicia a narrativa com recordações de sua infância passando por fatos de sua adolescência até chegar à idade adulta, registrando o momento em que assume a profissão de poeta, quando recebe o prêmio de poesia da Fundação Graça Aranha, com o livro **Poemas**. Na época da publicação, Murilo Mendes recebe incentivo do pai, por meio de uma carta, para continuar escrevendo poesias: “[...] deveria [Murilo] escrever mais, publicar outros livros, fazer frutificar meus dons (MENDES, 2003, p. 175). O autor deixa transparecer, em várias passagens da obra, que seu dom de escrever é nato: “[...] Tinha uma intuição obscura de que estava mesmo destinado a ser escritor [...] fui e sou literato desde o ventre da minha mãe (Ibid., p. 84-85). E ainda: “[...] Declaro sistematicamente que só quero ser poeta, nada mais (Ibid., p. 174).

Murilo Mendes era um estudioso de filosofia, música e literatura; por isso, tornou-se modelo para a poesia brasileira no século XX. Segundo Candido (2000, p. 57), “[...] talvez Murilo Mendes seja o poeta mais radicalmente poeta da Literatura Brasileira, na medida em que praticamente nunca escreveu senão poesia, mesmo quando escrevia sob a aparência de prosa”. Essa afirmação do crítico confirma o alto grau de poeticidade existente na obra **A idade do serrote**, pois, apesar de ser apresentada em prosa, é um texto poético, com as marcas da sensibilidade que o autor sempre teve ao escrever seus poemas.

Percebe-se, pelos títulos do capítulo da obra em estudo, que as pessoas com as quais o poeta se relacionou desde criança são muito importantes em sua vida a ponto de chegarem a fazer parte de sua trajetória poética. Acredita-se que o constante contato com o outro contribuiu muito para o amadurecimento do poeta; as



diferentes vivências relatadas fizeram parte de seu percurso existencial. Assim, ao falar do outro, o poeta fala de si mesmo, tal como a projeção de um espelho, desvelando o outro, desvela-se a si mesmo: “[...] Seus olhos e suas mãos guiaram-me através dos livros de Melo Moraes Filho, Sílvio Romero e Lindolfo Gomes” (MENDES, 2003, p. 76). Além desses nomes, há outros também importantes ao longo da narrativa: Belmiro Braga, Ismael Nery, padre Júlio Maria, Professor Aguiar...

Segundo Lucas (2001), Murilo Mendes se inspira em várias formas de apreensão da realidade para produzir sua poesia, razão pela qual estabelece vínculos com a música e com diferentes formas de arte, tal como a pintura. Sua poesia é também marcada por um constante apelo aos sentidos, relacionado com uma característica bem marcante da obra muriliana: “[...] trata-se da transformação de tudo em poesia, numa operação dinâmica, de que o movimento é a própria alma” (LUCAS, 2001, p. 37).

Na obra do poeta juiz-forano, percebe-se que há um conflito entre o velho e o novo, marcado fortemente pelas lembranças que estão guardadas em sua memória e pelo apelo que o poeta faz à sua imaginação. Mas, de acordo com Lucas (2001, p. 39), esse processo dialético da obra do poeta concorre para uma síntese:

[...] a essa fragmentação da realidade, do tempo e do espaço, corresponde um estilo, do qual o suprarrealismo, o animismo, o antropomorfismo, o mundo às avessas não passam de recursos. O conflito entre as forças do mal e as forças do bem resolve-se na vitória de Cristo, o tempo sempre cede à eternidade; a participação absorve a indiferença; a própria morte acaba sendo um elemento da vida; a imaginação engole a memória, na medida em que a modifica, e, de certa forma, antecipa o futuro, dentro daquele jogo de fragmentar o tempo. No caso de Murilo Mendes, o visionário está permanentemente opondo a finitude e as limitações da vida humana à plenitude fundamental do Paraíso, meta que o ser religioso sempre elege.

Murilo Mendes deixa transparecer, na obra **A idade do serrote**, sua formação intelectual, moral, política e religiosa por meio das lembranças guardadas em sua memória. Além disso, o uso da memória ajuda o poeta a realizar uma poesia participante, com forte vínculo com o mundo, capaz de:

[...] julgar os valores contemporâneos e decidir-se em conformidade com eles [...] tendo adotado uma técnica em que predominam o fracionamento e a confusão do tempo e do espaço, nem por isso deixa de alistar-se

existencialmente no 'aqui e agora' e pagar tributo à memória das ideias e dos sentimentos, isto é, intelectual e emocional (LUCAS, 2001, p. 14).

O essencialismo, conforme Moura (1995), constitui uma influência fundamental na poesia de Murilo Mendes. A posição universalista oriunda dos dogmas do essencialismo contribuiu muito para que o poeta juiz-forano ocupasse um lugar diferenciado dentro da poesia brasileira do século XX. O crítico afirma que até mesmo o trabalho com a memória em Murilo Mendes assume esse caráter universalizante: “[...] os elementos autobiográficos, embora marcantes, nunca aparecem emoldurados por referências espaço-temporais muito nítidos, mesclando-se a qualidades genéricas ou suprapessoais” (MOURA, 1995, p. 48).

O essencialismo, segundo Lucas (2001, p. 27), é uma:

[...] teoria que Murilo Mendes teria assimilado de Ismael Nery, segundo a qual a essência do homem e das coisas só poderia ser alcançada mediante abstração dos conceitos de tempo e de espaço, pois a fixação de determinado momento, temporal ou espacial, privaria a vida de um dos seus atributos: o movimento.

A convivência com Ismael Nery foi decisiva para a trajetória intelectual e poética de Murilo Mendes. Criou-se uma amizade tão forte que, após a morte de Ismael Nery, em 1934, Murilo Mendes publicou seus poemas, fez exposição de seus quadros e publicou a teoria do essencialismo em vários textos jornalísticos. Há de se ressaltar, neste estudo, que o filósofo também cultivou a fé cristã em Murilo Mendes.

Segundo Merquior (1995), o forte vínculo com o Surrealismo constitui uma das causas da singularidade da obra muriliana dentro do Modernismo brasileiro. Para o crítico, Murilo Mendes adquiriu o Surrealismo em sua totalidade de uma forma bastante natural. Há uma forte ligação da poesia muriliana com a realidade, mesmo que esta seja sonhadora, conforme os preceitos surrealistas.

Desde criança, o catolicismo fez parte da vida de Murilo Mendes; por isso, o cristianismo está sempre presente na obra do poeta. Merquior (1995) esclarece que não se trata de um cristianismo ortodoxo, mas de um cristianismo que não aceita valores repressivos e que contesta atos sociais. O crítico esclarece que essa atitude de recusa de Murilo Mendes aos dogmas do catolicismo é um reflexo do Surrealismo, uma vez que outros surrealistas também eram contra esses dogmas. A crença no cristianismo fez com que Murilo Mendes se afastasse da visão sombria e

melancólica dessa corrente literária. O poeta acredita que a salvação ocorrerá somente após a morte, pela ressurreição, que é a crença do catolicismo.

Murilo Mendes (2003) afirma que é importante escrever um livro de memórias não pelos relatos dos fatos históricos de sua vida, mas para um retorno ao momento do surgimento da poesia em sua vida. Para tanto, ele recorre ao tempo mítico a fim de voltar às suas primeiras experiências. Assim, a ideia de tempo presente em **A idade do serrote** está em sintonia com o seguinte pensamento de Bachelard (1988, p. 111):

Então, já não é tempo dos homens que reina sobre a memória, [...] mas o tempo das quatro grandes divindades do céu: as estações. A lembrança pura não tem data, tem uma estação. É a estação que constitui a marca fundamental das lembranças. Que sol ou que vento fazia nesse dia memorável? Eis a questão que dá a justa tensão da reminiscência. [...] A infância vê o mundo ilustrado, o mundo com suas cores primeiras, suas cores verdadeiras. O grande outrora que revivemos ao sonhar nossas lembranças da infância é o mundo da primeira vez.

A partir das considerações apresentadas por Bachelard (1988), pode-se perceber que a lembrança pura não obedece à cronologia. O autobiográfico conta a sua própria história, mas, ao narrar os fatos passados, em razão do distanciamento temporal, não consegue escrever o fato como realmente ele se deu; por isso, ele tem de recorrer à sua imaginação para preencher as lacunas dos conteúdos, uma vez que o acesso ao processo se dá pela memória, que é fragmentada. É importante lembrar, todavia, que, ao se fazer uma leitura em um livro de memória, é preciso levar em consideração que: “[...] o diálogo com o presente atualiza o passado, permitindo a reconstituição da vida pela linguagem, quando as lembranças não serão uma realidade, mas interpretações das coisas findas e do próprio destino pessoal (OLIVEIRA, 2011, p. 2).

Nesse contexto, também é necessário levar em consideração que reconstruir uma vida na autobiografia constitui uma construção discursiva e o texto é escrito pelo próprio autor o qual contará somente os fatos que ele quer que sobrevivam por meio da escrita. Na obra **A idade do serrote**, é possível perceber esse processo, uma vez que Murilo Mendes relata, em sua autobiografia, somente os fatos que antecedem sua atividade poética, ou seja, o tempo focalizado de sua trajetória existencial é aquele que precede ao momento da experiência e percepção da poesia em sua vida. Como já visto anteriormente, o poeta omite fatos importantes de sua

vida pessoal, tais como sua ida para a Europa, seu casamento com Maria Saudade Cortesão, entre outros.

Ao fazermos a leitura de uma autobiografia, temos curiosidade de saber dados sobre a vida do escritor, mas, no caso da obra muriliana em estudo, essa curiosidade não será atendida, porquanto Murilo Mendes não tece detalhes sobre sua história pessoal, priorizando, assim, sua trajetória poética.

Interessante notar como Murilo lida com a questão do tempo. A partir do início da obra, ele faz uma menção à criação do mundo por Deus, referindo-se a um tempo muito distante que ele não conheceu. Sacramento (1999, p. 87) afirma que: “O tempo apresenta-se também articulado em pares tensionais: um tempo presente, social, irrepitível, inexorável, feito de sucessões, em oposição a um tempo eterno”.

A concepção de tempo presente é bastante diferente e as expressões que remetem a tempo já chamava a atenção do poeta desde que ele era criança: “As palavras ‘outrora’, ‘naquele tempo’, ‘antigamente’, ‘há séculos’ impressionavam-me muito. Queria saber se não seria possível colar os tempo uns nos outros; se o tempo era horizontal ou vertical” (MENDES, 2003, p. 78).

Percebe-se que, mesmo havendo passagens na narrativa no tempo pretérito, há o predomínio do tempo presente. O autor revisita sua memória, mas a releitura é feita no tempo de “aqui e agora”, de um lugar bem distante do Brasil, ou seja, Roma, entre 1965 e 1966: “Não lhe é necessário estar no Brasil ou mesmo em Juiz de Fora para falar dela, pois, como se está vendo, o tempo e o espaço no poeta não permitem limites, configurações (PEREIRA, 2011, p. 6).

A seguir, cita-se uma passagem em que o poeta apresenta um depoimento no tempo presente, apesar de ser um fato ocorrido em sua infância: “O professor Aguiar ensina filosofia, de vez em quando vou visitá-lo no chalé vermelho da rua da Liberdade com uma horta-jardim portátil, já estou em plena adolescência [...]” (MENDES, 2003, p. 168). Na obra **A idade do serrote**, o próprio Murilo Mendes mostra como a questão temporal transita em seu pensamento: “[...] ainda curumim já uso memória, (acho que o passado é uma projeção anterior do futuro) [...] (Ibid., p. 80).

O tempo vivido pelo poeta é traduzido pelo imaginário e pelo real, sendo este “recortado, montado e passado pela veloz imaginação de Murilo” (BAIÃO, 2011, p. 1). Enfim, pode-se perceber que o tempo na obra em estudo está sempre em

movimento, sendo difícil para o leitor delimitar o passado, o presente e o futuro. Também o princípio e o fim seguem, juntos, na trajetória da escrita. No texto escrito de Murilo, não há fronteiras espaciais, tal como na memória, em que se pode pensar em lugar distante sem limitações, indo e voltando no pensamento, sem se preocupar com cortes: “O grande sonho: ir do Brasil à China a cavalo” (MENDES, 2003, p. 25).

A leitura da obra **A idade do serrote** testemunha a concepção religiosa de Murilo Mendes. A solidariedade, a caridade, bem como o pensamento voltado para a fé cristã, estão muito presentes na narrativa e mostram o desejo do poeta no sentido de haver uma transformação social, uma sociedade em que haja igualdade de direitos, mais justa e humana. Um exemplo que pode ser citado é o seguinte:

[...] De repente numa travessa deserta topamos com o mendigo Dudu que procura desvencilhar-se de três meninões: rodeiam-no, aplicam-lhe cacholetas.

Meu pai liberta o pobrecito e adverte os agressores: – Nunca mais repitam isto, seus calhordas. Tratem de respeitar o próximo, estão ouvindo? Esse homem, como vocês, como qualquer outro, foi criado à imagem e semelhança de Deus. [...] nestas línguas os homens do tipo de Dudu trazem no nome da categoria que representam. São da mesma raça de Dante, Spinoza, Beethoven: **criados à imagem e semelhança de Deus** (MENDES, 2003, p. 47-48, grifos nossos).

Nessa passagem, Murilo Mendes equipara o mendigo Dudu a pessoas de destaque no mundo cultural, afirmando que todos são da mesma raça (Dante, Spinoza, Beethoven) e “são criados à imagem e semelhança de Deus”. Assim, essa frase do texto bíblico é um ensinamento do cristianismo que a memória do autor procura preservar ao longo de sua vida. Como já visto anteriormente, o poeta, em sua infância, recebeu ensinamentos do catolicismo e seus mentores foram o padre Júlio Maria e seu pai. Este lhe deu os primeiros ensinamentos religiosos, mostrando-lhe a importância da caridade, da solidariedade e da tolerância:

Educam-me na religião católica, aos seis anos meu pai e o catequista transmitem-me uma informação fundamental, todos os homens são filhos do Pai celeste, iguais diante d’Ele, irmãos, remidos pelo sangue de Cristo, sem diferença de raça, credo, classe ou ideologia [...] (MENDES, 2003, p. 65).

Murilo Mendes, na obra **A idade do serrote**, apresenta uma crítica à sociedade que merece ser ressaltada neste estudo: a diferença de tratamento que a sociedade dá a pobres e ricos. Se a pessoa possui um poder aquisitivo maior, até sua loucura é amenizada com palavras mais suaves, que não causam tanto espanto

às outras pessoas, mas se é pobre, podem ser usados os adjetivos mais jocosos e passados. A seguinte passagem mostra como ocorre a diferença no trato social nas diferentes camadas:

[...] Há o doido, o doido varrido, o esquizofrênico, o desequilibrado, o pisca, o zureta, o tantã, o tonto, o demente, o alienado, o psicopata, o alterado das faculdades mentais, o nervoso, etc. Em todo o caso, se o doente é pobre, trata-se de um doido, varrido ou por varrer, conforme: se rico, apenas um nervoso (MENDES, 2003, p. 61).

Murilo Mendes reviveu, de repente, essa lembrança quando dedicou um capítulo de seu livro ao Tio Chicó, que, para ele, era oficialmente um “doido manso”. Ele aproveitou o momento para chamar a atenção para as nuances da linguagem e os diferentes tipos de palavras que existem no léxico da língua para fazer referência à loucura e o modo como são usadas para diferentes classes sociais.

## CONCLUSÃO

A partir do estudo realizado a respeito da obra de Murilo Mendes **A idade do serrote**, verifica-se que se trata de uma narrativa autobiográfica, pois apresenta todos os itens constantes na teoria de autobiografia de Philippe Lejeune (2008), na obra intitulada **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet: uma narrativa, em prosa, trata da vida de um poeta, remete a uma pessoa real, sendo o narrador do texto=personagem principal que narra os fatos vividos por ele. Há uma particularidade quanto ao assunto tratado: o narrador omite fatos importantes de sua vida pessoal, porquanto, seu objetivo na obra é mostrar ao leitor sua trajetória poética e não sua vida individual.

Murilo Mendes, na obra **A idade do serrote**, busca resgatar a trajetória de sua vida por meio dos seguintes temas: as lembranças de seus tempos de criança, a saudade de sua mãe, o afeto pela segunda esposa de seu pai, o reconhecimento em relação à sua família, os hábitos e costumes dos mineiros, a religiosidade, a passagem do cometa *Halley*, a adolescência permeada de muitas paixões, entre outros. Enfim, pode-se afirmar que, na obra em estudo, o autor apresenta os ritos de passagem vivenciados pelo menino até alcançar a idade adulta, sendo este um momento muito importante em sua vida, uma vez que foi considerado pelos críticos

da época um dos maiores poetas do Modernismo brasileiro, com a publicação do livro *Poemas*.

### A IDADE DO SERROTE, BY MURILO MENDES, AN AUTOBIOGRAPHICAL NARRATIVE

This article seeks to demonstrate, on the basis of Philippe Lejeune's theory (2008) and Rocha studies (1977), which **A idade do Serrote** is an autobiographical text. This narrative, prose, deals with the life of a poet, refers to a real person, and the narrator's text = main character who will narrate the events experienced by him. But this work has a special feature, although it is a prose narrative, it is a poetic text.

Keywords: Autobiography. Murilo Mendes. Identity.

### REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gastón. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAIÃO, Luciana Gomes de Mello. **A questão da memória n'A idade do serrote**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/12/LucianaGomesMelloBaiao.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CARDOSO, Marília Rothier. Prefácio. In: MENDES, Murilo. **A idade do serrote**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 7-19.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LUCAS, Fábio. **Murilo Mendes**: poeta e prosador. São Paulo: EDUC, 2001.

MOURA, Murilo Marcondes de. **Murilo Mendes**: a poesia com totalidade. São Paulo: EDUSP, 1995.

MENDES, Murilo. **A idade do serrote**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MERQUIOR, José Guilherme. Notas para uma muriloscopia. In: **Murilo Mendes**: poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

OLIVEIRA, Gisela Riani de. A linguagem na construção da identidade nacional em *A idade do serrote*. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unec.edu.br/index.php/unec02/article/view/212/291>>.

Acesso em: 14 fev. 2011.

PEREIRA, Gabriel da Cunha. O jogo da memória em *A idade do serrote*. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/cluerjsg/anais/ii/completos/comunicacoes/gabrieldacunha pereira.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

ROCHA, Clara Crablé. **O espaço autobiográfico em Miguel Torga**. Coimbra: Almedina, 1977.

SACRAMENTO, Ozana Aparecida do. A memória solidária: uma leitura da *A idade do serrote* de Murilo Mendes. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 4, p. 85-92, dez. 1999.

Disponível em:

<[http://www.letras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_pgs/Em%20Tese%2004/Ozana%20Aparecida%20do%20Sacramento.pdf](http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em%20Tese%2004/Ozana%20Aparecida%20do%20Sacramento.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2011.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Em busca da história não contada. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo. **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p. 100-105.